



PESADELO ECOLÓGICO NA ÁFRICA AUSTRAL

Na edição anterior referimos, acidentalmente, alguns perigos que espantam a África Austral, do ponto de vista da conservação da natureza.

Entretanto, chegou-nos às mãos um interessante trabalho de B. Couret, para a Rádio França Internacional, versando casos muito próximos de nós.

Nestes problemas de defesa do meio ambiente, nunca é demais recordar que o Mundo é a Pátria comum da Humanidade. Comentar a destruição do meio ambiente, não é uma forma de Ingerência, mas sim uma via para tomarmos consciência do que nos rodeia. E, eventualmente, aprender com os erros nossos e alheios.

Diz o articulista acima citado no boletim da R.F.I., que a opinião pública sul-africana ficou chocada com a constatação de que dois rios, situados na província do Transvaal, se encontravam biologicamente mortos, depois de deles terem começado a ser lançados os resíduos de uma fábrica de papel.

Ao mesmo tempo, o projeto de exploração de reservas de urânio que se encontram sobre as terras do estuário de São Lucia — reserva animal do parte norte da província de Natal — é causa de grande preocupação no país vizinho.

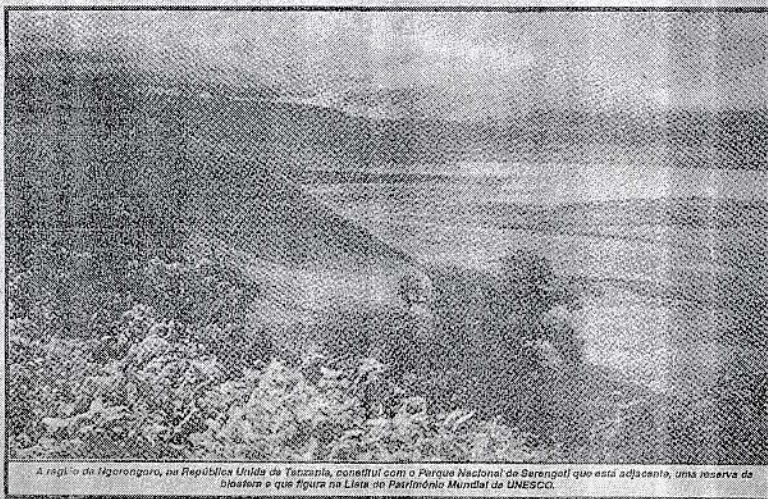
Ainda segundo a mesma fonte, as inundações verificadas naquela última província, no Transkei e no Kwazulu, num passado muito recente, levaram atrás delas milhões de toneladas de terra.

Por muito estranho que possa parecer, a nós, vizinhos, há alguns anos a OMS declarou que a ar que se respirava no Highveld (como do planalto continental) estava mais poluída que a ar da R.F.A., industrializada.

Acrescente-se ao panorama anterior os problemas ocasionados pelo processo de crescimento e reciclagem de resíduos industriais mortalmente tóxicos, e veremos que há motivo para preocupação, também na zona sul da do nosso continente.

Afirmações Perigosas

Recordamos, há algumas



A região de Inyanga, na República Unida da Tanzânia, constitui com o Parque Nacional de Serengeti que está adjacente, uma reserva de biosfera e que figura na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO.

"NÓS E O LIXO"

Alguém um dia disse (e passou a figurar nos livros escolares...) que na Natureza nada se perde, tudo se transforma... Pois, é verdade. Até para o lixo aquela sentença pode ser aplicada.

Em muitos países o lixo está a transformar-se em riqueza, com vantagens adicionais importantes, nos campos de saúde pública, transporte e defesa do meio ambiente.

A reciclagem e transformação do lixo das cidades dá origem a quantidades incalculáveis de energia, adubos químicos para a agricultura e outros subprodutos valiosos. Isso traduz-se em economia e conservação do importante recurso da extração de metais.

As cidades, que fundam os nossos principais estados, podem igualmente ser uma fonte avaliada de economia de divisas, se aproveitadas para produção de metais. Outra parte pode ser exportada.

Para quando um estudo sério deste problema?

Com o patrocínio exclusivo das empresas:

Associação Moçambicana de Fotografia

O VIRAR DA PÁGINA

● Ricardo Rangel, Presidente-cessante da AMF, fala do passado e do futuro, na altura em que se anunciam mudanças profundas

por Lourenço Jossias

Depois de uma "hibernação" que durou cerca de 10 anos, a Associação Moçambicana de Fotografia (AMF) está agora em fase de renascimento, merriço do esforço conjugado de um grupo de fotógrafos. Ricardo Rangel, Presidente-cessante, digno, de coletividade, reconhecido, em entrevista ao "Domingo" que a partir de uma determinada altura a AMF "morreu", apesar de sua vontade que animava os membros da sua direcção.

"Apesar da nossa militância e do nosso entusiasmo, a partir dum certo altura a Associação Moçambicana de Fotografia morreu" — diz, apontando como causa a crise económica-financieira que atingiu o país nos anos 80, sobretudo Ricardo Rangel diz que, sem filmes nem papel fotográfico, já não era possível à Associação realizar as tarefas que lhe competiam, apoiar os seus associados e incentivar os de manter a sentença a AMF com vida.

Do futuro do passado da AMF fala Ricardo Rangel, na sua qualidade de Presidente da agremiação.

Durante alguns dias, chegou ao conhecimento do público, através de aviso na imprensa, alguma escrupulosa de jornais na Associação Moçambicana de Fotografia. Entretanto, uma comissão de reacção da AMF fez saber que chamaria a si a responsabilidade de fazer funcionar aquela Associação. Por outro, Ricardo Rangel, anunciava a realização de uma reunião com os membros da AMF, para tratar de assuntos da organização.

Perguntado a pessoas

ACTIVIDADES REALIZADAS

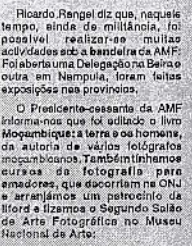
Ricardo Rangel diz que, naquele tempo, ainda de militância, foi possível realizar-se muitas actividades sob a bandeira da AMF: Foi aberta uma Delegação na Beira, outra em Namúlia, foram feitas exposições nas províncias.

O Presidente-cessante da AMF informa-nos que foi editado o livro Moçambique: a terra e os homens, da autoria de vários fotógrafos moçambicanos. Também tinhamos curvas de fotografia para amadores, que doctores na ONU e arranjámos um patrocinador da Ford e fizemos o Segundo Salão de Arte Fotográfica no Museu Nacional de Arte.

Para além destas actividades todas, Rangel diz que foram feitas exposições de fotografias a vários locais de interesse, como, por exemplo, para a Catemba.

Num segunda mandata, houve eleições que conduziram Ricardo Rangel ao cargo de Presidente da AMF e Jorge de Almeida ao de Secretário-Geral da mesma

ASPECTO DE UMA PALESTRA SOBRE FOTOGRAFIA



Aspecto de uma palestra sobre fotografia dada por Ricardo Rangel no Centro de Formação Fotográfica.

de material fotográfico, distribuindo-o para as casas fotográficas e, mesmo, para colportistas e revistas.

Merquidinhos numa grande crise, como tu bem te recordas, e esse alívio não foi favorável à continuação da actividade da Associação, argumenta Ricardo Rangel.

Segundo o entrevistado, os sócios da AMF ressentiam-se com a crise e deixaram, gradualmente, de pagar as suas quotas, porque a Associação não lhes rendia nada.

A nossa Associação morreu, basicamente, por causa disso. Deixou de haver actividades que beneficiassem os membros a estes da quem de contribuir para a Associação. Ricardo acrescenta: Se os membros do Clube Naval, tem que ter barcos de pesca e de recreio e se é membro de um clube hipico, tem que ter cavalos para montar...

No caso da Associação Moçambicana de Fotografia, deixou de haver incentivos e os associados desistiram e a direcção também deixou de ter fontes onde buscar os incentivos.

Dalí que Ricardo Rangel diz que o actual mandato da direcção da Associação teve fassa a gestão, pois esteve-se a gerir apenas uma poucos fichários e a



Por causa da falta de material fotográfico, há aconteceu que, com um fotógrafo, se fizesses três passas, um alívio.



Aspecto de uma palestra sobre fotografia dada por Ricardo Rangel no Centro de Formação Fotográfica.

SURGE O CENTRO DE FORMAÇÃO FOTOGRAFICA

Entretanto, surgiu o Centro de Formação Fotográfica. Uma instituição ligada ao Ministério da Finanças, com financiamento italiano. Vm para aqui e beneficiamos de material fotográfico e, muitas vezes, o Centro criou o Centro de Informação, em situações dramáticas.

Assim, a direcção da Associação Moçambicana de Fotografia passou a ter outras prioridades, outras preocupações. Rangel estava afeito ao Centro de Formação Fotográfica, enquanto Jorge de Almeida, Secretário-Geral da Associação, trabalhava no Alpha. Passámos, simplesmente, a girar a sala das exposições na Julius Nyerere. Unidos todos e os nos restava, convenia o velho Ricardo Rangel.

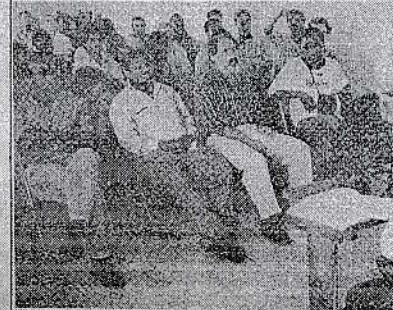
Sempre que houvesse exposições, os fotógrafos moçambicanos não pagavam nada. Alugar de sala e o interesse decorre que isto era mínimo que a gente podia fazer.

Com a gerência da sala e de pelo OFF, entrou-se numa hibernação histórica, apesar de que tempo se encorajasse de fazer haver a Associação Moçambicana de Fotografia. E o tempo, metódico, deu-lhe um que tinha que ser agora, o momento do renascimento da Associação dos Fotógrafos do país.

Agora que há novas condições no país, que há matéria de fotografia, que há homens interessados e que há, sobretudo, muita mota, está virado o projecto que havia entrado no terreno.

Em boa hora, um grupo de fotógrafos reacivou Associação e queremos que haja uma Assembleia Geral para a eleição de novos corpos gerantes e alteração dos estatutos, afirma Rangel.

Conforme o oportunamente noticiamos, a Assembleia Geral da AMF irá realizar-se no próximo dia 11 de Julho e esperase que seja muito concorrido para que a vida recresse, finalmente, a Associação Julius Nyerere, sede da Associação.



Os fotógrafos moçambicanos fizeram reuniões para discutir sobre o futuro imediato da AMF.

Interessado no assunto, era possível, na mesma altura, saber que, de facto, uma espécie de golpe de estado pacífico estava a vista. Ricardo Rangel e a sua equipa não mostraram flexibilidade para fazer a Associação andar.

Andar e não só andar, a bom passo, juntando os seus esforços nos tempos que correm, fazendo amigos, juntas e honestas, dando o melhor de si para que, em cada caso, não confundissem um membro da comissão eleita (por outra reacção) para reverter a Associação.

Dum tempo, até que se disse, talvez se entendessem. Até ao entendimento, foi havendo reuniões das duas facções em separado, até que o bom senso prevaleceu e decidiu-se que os fotógrafos, juntos, fariam renascer a sua Associação.

DO PASSADO DE MILITANCIA...

Os fotógrafos não conseguiram, por conseguinte, resolver os problemas dentro de casa, e a que

A partir daí, foi idealizada a Associação, numa perspectiva social, profissional e cultural. Foram envolvidos todos os fotógrafos interessados, incluindo o também falecido Daniel Moquinhas. Para além dos fotógrafos, foram envolvidos outras personalidades, como Luís Bernardi, Horváth, o arquitecto Forjaz.

Lembras-te muito bem que naquela altura tudo era feito a base de entusiasmo de militância. Havia, de facto, muito entusiasmo de todos nós, recorda Rangel. Assim nasceu a Associação Moçambicana de Fotografia, desde da realização da respectiva assembleia constituinte.

Em simultâneo com a assembleia constituinte, foi promovido o Salão de Conselho Executivo da Cidade de Maputo, uma exposição intitulada "1º Salão de Arte Fotográfica de Moçambique". Foi uma exposição grande, na qual participaram muitos moçambicanos, diz Rangel.